

TRUMP E O DISCURSO XENÓFOBO: ANÁLISE DOS CONTEÚDOS IMPLÍCITOS EM ENUNCIADOS DO PRESIDENTE NO TWITTER

TRUMP Y EL DISCURSO XENÓFOBO: ANÁLISIS DE LOS CONTENIDOS IMPLÍCITOS EN ENUNCIADOS DEL PRESIDENTE EN TWITTER

Renatha Rebouças de Oliveira²¹

RESUMO: Os pronunciamentos de Donald Trump na mídia para tratar do assunto das relações exteriores, tem causado polêmica quanto ao conteúdo excessivamente nacionalista que carrega. Este artigo busca analisar, sob a ótica da Pragmática, os conteúdos implícitos em enunciados do presidente dos EUA com o objetivo de identificar a presença do discurso xenófobo. Para isso, utilizaremos a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e analisaremos alguns enunciados proferidos pelo presidente em seu Twitter pessoal, com vistas a observar que nem tudo que quer se dizer é dito explicitamente no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática. Implícitos. Discurso xenófobo.

ABSTRACT: Los pronunciamientos de Donald Trump en los medios de comunicación para tratar del asunto de las relaciones exteriores, han causado polémica por el contenido excesivamente nacionalista que posee. Este artículo buscar analizar, bajo la óptica de la Pragmática, los contenidos implícitos en los enunciados del presidente de EUA con el objetivo de identificar la presencia del discurso xenofóbico. Para ello, utilizaremos a Teoría de las Implicaturas de Grice (1975) y analizaremos algunos enunciados proferidos por el presidente en su Twitter, con vista a observar que en todo que se quiere decir es dicho explícitamente en el discurso.

KEYWORDS: Pragmática. Implícitos. Discurso xenófobo.

1 INTRODUÇÃO

Os significados das palavras que compõem o discurso nem sempre dão conta dos sentidos dos enunciados. Isso significa que, na comunicação, além dos

²¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: renathareboucas@hotmail.com.

fatores linguísticos, os extralinguísticos também fazem parte da produção dos sentidos. Os estudos pragmáticos da linguagem têm favorecido o entendimento da linguagem em uso, levando em consideração o locutor, interlocutor e o contexto de uso, e relacionando também elementos linguísticos e extralinguísticos dos enunciados, com vistas a entender a linguagem como interação (VIDAL, 2004).

No contexto real da comunicação, é fundamental que se tenha conhecimento da situação comunicativa ou do contexto para que os sentidos sejam compreendidos. Isso por que nem tudo que é dito está explícito no discurso. Os elementos implícitos também fazem parte e são presentes na comunicação. A pragmática, então, estuda o uso da linguagem em contextos, que, entre outras coisas, por meio da inferência possibilita o entendimento dos fenômenos comunicativos que não estão explicitados nos enunciados.

Assim como em todos os atos linguísticos, também os enunciados políticos podem ser analisados do ponto de vista comunicacional, com vistas a agir sobre os indivíduos e provocar reações. O discurso político apresenta estratégias discursivas que perpassa os limites do que é verbalizado. Isso porque esse tipo de discurso é entendido como um ato comunicativo que busca a ação, muito mais do que simplesmente repassar informação.

Então, os estudos pragmáticos da linguagem aparecem como uma forma de dar conta dos atos comunicativos no seu uso, isto é, de compreender os atos concretos de fala que podem dizer muito mais do que explicitado. Fiorin completa:

A Pragmática estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, o que fora deixado de lado pelas correntes anteriores da Linguística, que criaram outros objetos teóricos. O estudo do uso é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala. (FIORIN, 2004, p. 229)

Para compreender como as palavras não dão conta da complexidade de sentidos dos enunciados, bem como para observar como os implícitos podem trazer outros sentidos às comunicações, observamos o discurso político de Donald Trump, que, por meio de alguns enunciados excessivamente nacionalista, tem provocado questionamentos sobre o real sentido do seu discurso. Por meio de elementos extralinguísticos, os enunciados proferidos por Trump falam mais sobre a xenofobia

do que sobre o nacionalismo. Daí a necessidade de estudar pragmaticamente o seu discurso, com o objetivo de identificar outros sentidos por meio da inferência.

2 PRAGMÁTICA: UMA CIÊNCIA CENTRADA NO USO

Até a década de 70, a Linguística centrava seus estudos na língua. As teorias saussurianas da linguagem observavam a língua como um sistema de signos organizados, na qual os usuários seguiam regras estabelecidas socialmente por membros da comunidade e que não podiam ser modificadas pelo usuário individual. Para Fiorin (2004), o objeto de estudo da Linguística saussuriana era a língua, sem se preocupar com a fala, muito menos com o uso concreto da linguagem. Apesar de reconhecer a fala, Saussure dedicou seus estudos apenas a língua e deixou de lado a linguagem enquanto comunicação e interação (FIORIN, 2004).

Durante muito tempo, os estudos linguísticos deixaram de lado a linguagem em uso, nos contextos e situações comunicativas. Entretanto, observava-se que os estudos linguísticos centrados na língua não davam conta da diversidade de sentidos e funções da linguagem. Era necessário, portanto, estudar a língua em uso, voltada para o social, isto é, para/como práticas sociais. Fiorin (2004) afirma que alguns fatos linguísticos não conseguem ser explicados por meio de regras combinatórias, nem por meio das oposições semânticas. Isso significa que apenas uma ciência voltada para o uso daria conta de fenômenos linguísticos específicos. Eis, então, a que surgem os estudos pragmáticos da linguagem.

A pragmática surge da observação da linguagem humana como comunicação. Isso significa que sua função vai além da decodificação linguística. Ela é a maneira pela qual interagimos e agimos no mundo, por isso o objeto de estudo é a língua em uso, ou seja, a pragmática estuda a língua do ponto de vista dos falantes, observando as escolhas lexicais, as ocorrências comunicativas, bem como os efeitos do uso sobre os interlocutores (FIORIN, 2004).

Dentre alguns filósofos que se dedicaram aos estudos da Pragmática, Grice (1975) merece destaque quando traz como principal contribuição as teorias das implicaturas e o princípio da cooperação. Para ele, os enunciados dizem mais do que está explícito em uma enunciação. Isso significa que existem conteúdos implícitos que só se apresentam no ato comunicativo real, perpassando as

estruturas gramaticais do enunciado. Além disso, para Grice (1975), uma conversação deve ser regida pelo princípio da cooperação no qual os indivíduos envolvidos no diálogo devem agir de forma cooperativa, visando auxiliar na compreensão do diálogo e conseqüentemente facilitar a comunicação.

Para se ter a compreensão semântica do enunciado, Grice (1975) observa que é através do princípio de cooperação que se pode estabelecer as inferências. Isso significa que embora os enunciados não apresentem explicitamente o que foi dito, podem ser inferidos outros sentidos por meio dos implícitos que se dão a partir do contexto comunicativo ou de conhecimentos prévios de situações comunicativas. Fiorin (2004) afirma:

A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. Em outras palavras, a Pragmática deve mostrar como se fazem inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados (FIORIN, 2004, p. 168).

Partindo do entendimento de que os enunciados dizem mais do que foi explicitado em uma enunciação, isto é, de que a partir dos implícitos podemos realizar inferências fundamentais para a compreensão semântica de enunciados, bem como de que a Pragmática estuda a linguagem em uso enquanto ato de fala, tentaremos compreender mais adiante as contribuições de Grice (1975) para os estudos pragmáticos da linguagem através do princípio de cooperação, das máximas conversacionais e das implicaturas.

2.1 Dizer além do que é dito: as contribuições de Grice

A comunicação só é estabelecida quando os interlocutores compreendem os enunciados e se fazem compreender. Entretanto, os enunciados são carregados de sentidos que muitas vezes não são explicitados por meio das palavras, mas nas entrelinhas. Para que os indivíduos se comuniquem de maneira satisfatória, é necessário compreender o contexto comunicativo em que estão inseridos, bem como relacionar os elementos linguísticos e extralinguístico do discurso (FIORIN, 2004).

Grice (1975) publica um artigo denominado de *Logic and Conversation* no qual estuda as conversações a partir do princípio cooperativo e da teoria das implicaturas (ORDÓÑEZ, 2004). Aqui ele traz o conceito dos significados implícitos que, segundo ele, se refere aos sentidos que não estão expressos na enunciação dos falantes. Ele chama de “dito” os enunciados explícitos pelo falante, de forma literal e de “não-dito”, os sentidos que se podem inferir dessas falas. “Assim, as implicaturas griceanas são aquilo que é não-dito em um grau imediatamente abaixo do dito depreendidas pelos contextos dos diálogos” (SILVA, 2009, p.41).

Levinson (2007) afirma que, segundo Grice (1975), existem um conjunto de suposições mais amplas que orientam e conduzem as conversações que podem ser utilizados como diretrizes para o uso eficiente da língua na conversação. Por isso, ele apresenta o princípio cooperativo e os estudos dos implícitos e das implicaturas para tentar explicar como podemos dizer além do que é dito em uma enunciação. “Grice identifica como diretrizes deste tipo quatro **máximas** básicas da **conversação** ou princípios gerais subjacentes ao uso cooperativo da língua, que, juntos, expressam **um princípio cooperativo geral**”²² (LEVINSON, 2007, p. 126). Para a teoria griceana, esses princípios se expressam da seguinte forma:

O princípio cooperativo: faça sua contribuição como for exigido, na etapa na qual ela ocorre, pelo fim ou direção aceitos da troca convencional em que você está envolvido

A máxima da qualidade: tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira, especificamente:

- (i) não diga o que acredita ser falso
- (ii) não diga coisas para as quais você carece de evidências adequadas

A máxima de quantidade:

- (i) faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto for exigido para os presentes fins do intercâmbio
- (ii) não faça com que sua contribuição seja mais informativa do que é exigido

A máxima da relevância: faça com que sua contribuição seja relevante

A máxima do modo: seja perspicuo e, especificamente

- (i) evite a obscuridade
- (ii) evite a ambiguidade
- (iii) seja breve
- (iv) seja ordenado (LEVINSON, 2007, p. 126 e 127).

²² Grifos do autor.

Essas máximas são trazidas por Grice (1975) como sendo as diretrizes da conversação, para que os participantes cooperem de forma que a comunicação seja eficiente. Para isso, ele afirma que se deve falar a verdade, de forma clara, objetiva, breve e ordenada de maneira que não traga informações em excesso e que seja relevante para os participantes. Esse princípio cooperativo de Grice (1975) retrata, então, os elementos explícitos na comunicação, que devem estar presentes em todo ato conversacional. Entretanto, nem sempre esses princípios são seguidos na conversação. Isso porque os atos de fala não seguem padrões específicos. É comum que haja violações dessas máximas propostas por Grice (1975). E quando as máximas são violadas pelo emissor, é necessário que o ouvinte capture os significados implícitos no enunciado.

Quando os participantes da conversa estão dispostos a cooperarem entre si e eles fazem uso das máximas de forma que facilitem a comunicação, Grice (1975) considera que o ato foi eficiente. Entretanto, quando o dito não é o suficiente para que o sentido seja extraído, é necessário que o interlocutor faça inferências a fim de compreender o que o locutor quis dizer. As inferências que são extraídas dos enunciados são chamadas, por Grice (1975), de implicaturas. Fiorin (2004, p. 176) explica que Grice “não usa o termo implicação, porque a noção de implicatura é mais ampla do que a de implicação, já que esta só pode ser provocada por uma expressão linguística, enquanto aquela pode ser suscitada por expressões linguísticas e pelo contexto ou pelos conhecimentos prévios do falante”.

Grice (1975) divide as implicaturas em dois tipos diferentes: implicaturas convencionais e implicaturas conversacionais. Por implicaturas convencionais podemos entender como aquelas que estão presas aos sentidos convencionais das palavras, não estando presas a contextos externos, mas ao sentido literal do que é dito. Já as implicaturas conversacionais precisam de fatores extralinguísticos para fazerem sentido, isto é, necessitam que se tenha conhecimento de situações reais de uso, dos princípios comunicativos e do contexto para que se realize as inferências (FIORIN, 2004).

Para Levinson (2007, p. 121), “a noção de implicatura conversacional é uma das ideias mais importantes da pragmática”. Isso pode ser explicado por várias razões, das quais quatro delas são destacadas pelo autor:

Primeiro a implicatura coloca-se como exemplo paradigmático da natureza e da força das explicações pragmáticas dos fenômenos linguísticos (...). O conceito da implicatura parece, portanto, oferecer algumas explicações funcionais significativas dos fatos linguísticos. (...)Uma segunda contribuição importante feita pela noção de implicatura é o fato de que ela dá uma explicação até certo ponto explícita de como é possível querer dizer (num sentido geral) mais do que é efetivamente “dito” (isto é, mais do que se expressa literalmente pelo sentido convencional das expressões linguísticas enunciadas). (...)Terceiro, parece provável que a noção de implicatura traga simplificações substanciais na estrutura e no contexto das descrições semânticas. (...) Quarto, a implicatura, ou pelo menos, algum conceito intimamente relacionado, parece ser simplesmente essencial para que vários fatos básicos a respeito da língua sejam explicados adequadamente. (LEVINSON, 2007, p. 121 - 125).

Dessa forma, a afirmação de que as implicaturas conversacionais são ideias de grande importância para a pragmática é justificada pelas contribuições significativas que elas têm de explicar semanticamente uma variedade de fatos que ocorrem nas conversações, que perpassam os limites textuais escritos. Essa vastidão de interpretações de sentidos em fatos mais vastos ainda permite que, por meio das inferências, os interlocutores obtenham sentidos fora do convencional, isto é, que não estão escritos nas expressões linguísticas dos enunciados.

2.2 Os implícitos no discurso político

O entendimento de que a Pragmática estuda a linguagem em uso e que os enunciados podem dizer mais do que explicitado é o objeto de estudo desse artigo. Isso porque vai ser com base na análise dos conteúdos implícitos do discurso político que essa pesquisa irá se estruturar. Para dar continuidade a esse estudo, precisamos antes compreender o porquê de estudar os conteúdos implícitos no discurso político.

Como o discurso político é elaborado com o objetivo de persuadir os ouvintes, ele possui diversas estratégias discursivas que se estabelecem com a interpretação que os ouvintes dão aos enunciados. Alguns conteúdos considerados de senso comum são implícitos no discurso político como uma estratégia para o convencimento dos ouvintes. O discurso político pode ser entendido, portanto, como um texto argumentativo que, apesar de possuir um objeto definido, possui valores

coletivos (CRUZ, 2009). Isso significa que os implícitos no discurso político são estratégias que permitem que os ouvintes façam pressuposições de conteúdos que se apresentam nas entrelinhas do discurso. Campos (2008, p.1), conforme citado por Cruz (2009, p.109), diz que o discurso político é o “que mais explora o processo de significação complexa em que o dito semântico se enriquece com os implícitos pragmáticos”. Podemos, portanto, entender que os implícitos do discurso servem como a base do discurso político quando o não-dito dá sustentação ao que é explicitado.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO CORPUS

3.1 Caracterização da pesquisa

Esse estudo se realiza em duas etapas: a primeira é baseada na construção de um corpus discursivo acerca da Pragmática Linguística, com foco maior nas implicaturas de Grice (1975), compreendendo como os enunciados podem dizer muito mais do que é explicitado em uma oração, e no segundo momento realizamos uma análise teórico-metodológica de enunciados proferidos por Trump em seu TWITTER, mapeando a conexão entre o que foi explicitado em seus enunciados e o que ficou implícito nessas orações. Baseado na Pragmática Linguística, que estuda a linguagem em uso, esta pesquisa é de natureza qualitativa/interpretativista. Nessa perspectiva, essa investigação procura compreender e interpretar os fenômenos e acontecimentos que se apresentaram no caso em questão, buscando identificar os elementos que caracterizam que os “não ditos” demonstram a presença de implícitos xenófobos nos enunciados de Trump.

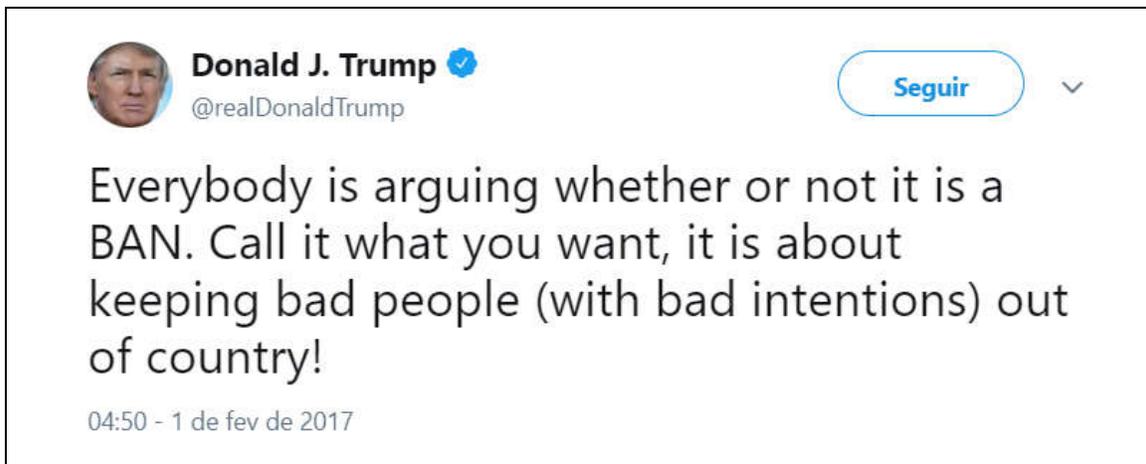
3.2 Análise dos dados

O corpus deste artigo se estrutura na perspectiva da Pragmática Linguística. Alguns enunciados proferidos pelo presidente dos EUA em seu Twitter pessoal serão submetidos à análise dos conteúdos implícitos, com vistas a identificar a presença de conteúdos xenófobos.

Alguns enunciados, proferidos por Donald Trump, em seu Twitter pessoal, têm provocado polêmica na imprensa e em diversos segmentos da comunicação.

Com enunciados de exaltação aos EUA, Trump em diversos tweets demonstrou agressividade quando se tratou de outras nações. Dentre alguns tweets, um que ganhou destaque foi a proposta de construir um muro separando os EUA do México, que é repetidamente trazida por Trump com a justificativa de defender o país dos imigrantes. No início do ano de 2017, o presidente americano enuncia no Twitter:

Imagem 1: 1º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/826774668245946368>

Traduzindo a frase, temos a seguinte sentença “*Toda a gente está a discutir se é ou não uma PROIBIÇÃO. Chamem o que quiserem, mas é uma tentativa de manter as pessoas más fora do país*”. O uso da expressão “manter as pessoas más fora do país” cria o pressuposto de que todos os Mexicanos são maus. Sendo assim, devem manter distância dos Americanos, que por sua vez são bons. Nota-se que o presidente deixa subentendido também que esse assunto tem causado muita polêmica, quando diz que “toda a gente está a discutir”. Nessa expressão, fica implícito que a construção do muro separando os EUA e o México está provocando discussão e polêmica.

Podemos perceber que há a presença de implicaturas convencionais quando ele liga as orações por meio da conjunção “mas”, que deixa implícito que ele concorda que se trata de uma proibição, mas que tem ressalvas ao termo. Percebe-se também o uso das implicaturas conversacionais quando, para compreender o porquê do uso do termo “proibição”, precisamos entender o contexto em que os

EUA estão inseridos, bem como as situações comunicativas em que Trump tem se estabelecido.

Outro tweet do presidente que fala da construção desse muro foi enunciado assim:

Imagem 2: 2º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/824083821889015809>

A publicação pode ser traduzida por “*Amanhã está sendo planejado um grande dia para a segurança nacional. Entre muitas outras coisas, vamos construir o muro!*”. A partir dela, destacamos que fica subentendido que, para o presidente, a construção do muro é uma medida de segurança nacional de importância porque os mexicanos são ameaça para o país. Fica pressuposto, então, que o presidente Trump é contra os imigrantes nos EUA e que ele atribui à imigração os problemas de violência no país. Fica implícito também, com isso, a presença de elementos que demonstram o posicionamento xenófobo do presidente.

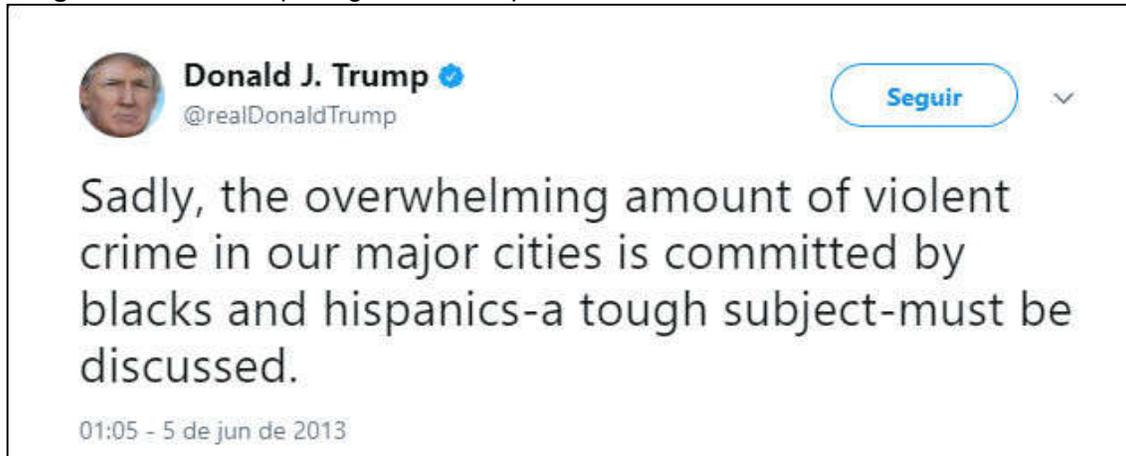
É evidente, mais uma vez, a presença da implicatura conversacional no tweet supracitado. Nela, precisamos ter conhecimento dos problemas de segurança que afeta o país, bem como conhecer os contextos comunicativos em que Trump tem se inserido desde o início da campanha eleitoral, para compreender os motivos que o levam a responsabilizar e rejeitar a presença dos imigrantes mexicanos no país.

Também podemos identificar a presença da implicatura convencional quando ele expressa “amanhã está sendo planejado”, deixando entender que esse planejamento não foi realizado outrora, ou até que esse “amanhã” já vem sendo planejado a tempos. Na expressão “entre muitas outras coisas” deixa implícito que

não é apenas o muro que garantirá a segurança da nação, mas que outras providências estão sendo tomadas como medida de segurança.

Em mais uma postagem, Trump expõe sua posição xenófoba com relação ao México. Outra vez, ele responsabiliza os mexicanos pelos crimes no país quando escreve:

Imagem 3: 3º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/342190428675796992>

Na publicação, ele afirma “*Infelizmente, a esmagadora quantidade de crimes violentos nas nossas grandes cidades é cometida pelos negros e pelos hispânicos. Um assunto que precisa ser discutido*”. Podemos perceber a presença das implicaturas conversacionais no momento em que ele faz referência a fontes externas para afirmar que a maioria dos crimes são cometidos pelo povo hispânico e pelos negros. Estamos diante de mais um caso em que o enunciado diz mais do que o que está exposto. Aqui, percebemos que ele deixa subentendido que a presença dos mexicanos e dos negros não é bem-vinda nos EUA.

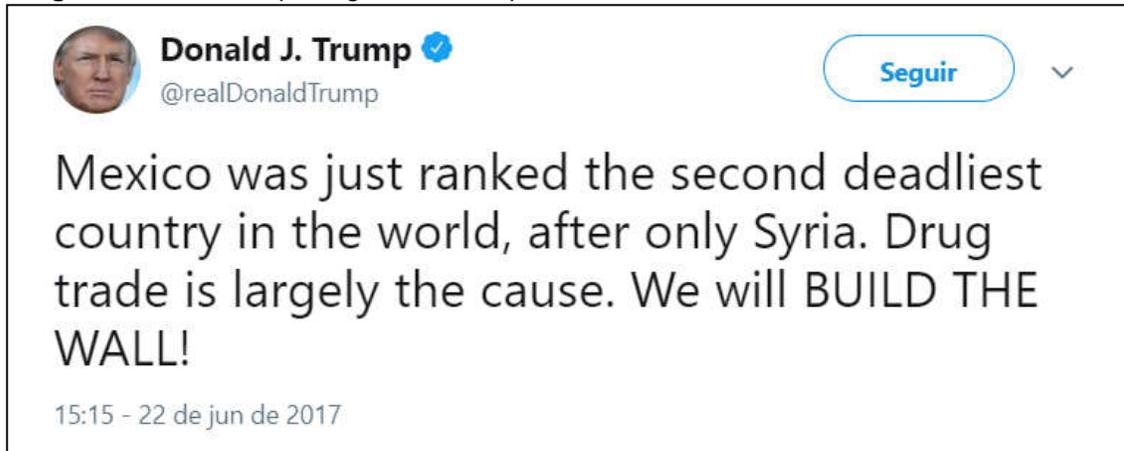
Quando afirma que a maioria dos crimes de violência são cometidos pelos negros e hispânicos, Trump diz, nas entrelinhas, que a culpa da violência na América do Norte é dos imigrantes, deixando evidente seu posicionamento xenofóbico. Ele deixa implícito também que os americanos brancos não são violentos, demonstrando discriminação racial.

Percebe-se aqui também a presença da implicatura convencional, quando, na expressão “precisa ser discutido” ele deixa subentendido que esse assunto não foi

tratado anteriormente, e que se deve discutir a restrição de acesso desse povo (negros e hispânicos) aos EUA.

Em outra postagem, Trump enuncia

Imagem 4: 4º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/878013639613186049>

Nossa tradução para este tweet: “O México acabou de ser eleito o segundo país mais mortal do mundo, depois da Síria. O comércio de drogas é em grande parte a causa. Nós construiremos o muro!”. Por meio das implicaturas conversacionais, é possível identificar que Trump atribui a segurança dos EUA à construção do muro. Quando ele expressa “nós construiremos o muro”, deixa subentendido que o isolamento das fronteiras dos EUA e do México trará segurança ao país, pois para ele os mexicanos são violentos e mortais. Estamos mais uma vez diante de enunciados xenófobos e discriminatórios.

Por meio das implicaturas convencionais também podemos analisar que a expressão “acabou de ser eleito” evidencia que se trata de uma pesquisa recente e que se trata de um fato novo.

Ao afirmar que “O México acabou de ser eleito o segundo país mais mortal do mundo”, ele tenta mostrar que o México, por ser um dos países mais mortais (perigosos) do mundo e por fazer fronteira com os EUA, torna-se uma ameaça para os Estados Unidos.

Outra evidência desse tipo de implicatura é quando ele exprime que a causa da violência é o comércio de drogas, deixando implícito que o tráfico é forte nessa região e que por isso há uma necessidade de isolar os EUA daquele país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentado na Pragmática, os tweets acima foram submetidos à análise dos conteúdos implícitos, com o objetivo de compreender o que foi dito e o que foi “não-dito” nas enunciações. Dessa forma, pudemos identificar que os implícitos fazem parte do discurso de maneira bastante efetiva. Isto é, as análises acima confirmam as ideias propostas por Grice (1975) de que nem tudo que é dito está explícito em um enunciado. Notou-se também que Trump utiliza esses implícitos como estratégia política, fazendo com que os ouvintes façam pressuposições dos conteúdos, sem que ele se comprometa em dizer explicitamente suas posições e opiniões.

Pode-se perceber que o discurso de Trump é bastante xenófobo. Entretanto, pode ser interpretado como um discurso nacionalista, isso porque a xenofobia se apresenta nas entrelinhas, e não de forma explícita. Essa estratégia utilizada pelo presidente tem por objetivo causar polêmica e chamar a atenção da imprensa e de agradar os eleitores que compactuam com suas ideias. Trump ofende os mexicanos e atribui a eles a culpa pelos problemas dos EUA. Ele isenta também os norte-americanos de qualquer responsabilidade sob a violência. Esse discurso xenófobo é, portanto, construído por meio dos ditos e dos não-ditos.

Diante do exposto, pode-se afirmar que os implícitos são tão importantes na comunicação quanto os explícitos. Observa-se, portanto, que são as compreensões de mundo que vão possibilitar que os ouvintes compreendam além do que está dito. O contexto em que o enunciado está inscrito é vital para que a comunicação se efetive. Essa é, por fim, uma das grandes contribuições da Pragmática, que estuda a linguagem no seu uso.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Marion Costa. Daisyspot: a inferência na interface imagem e linguagem. In: *Inferências linguísticas nas interfaces [recurso eletrônico]* / Jorge Campos (Org.). - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

DONALD, John Trump. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump>. Acesso em: 18 novembro de 2017

FIORIN, José Luís. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luís (Org.). *Introdução à Linguística I: Objetos teóricos*, São Paulo: Contexto, 2004.

GRICE, Paul. Logic and Conversation. In: Peter Cole and Jerry Morgan (ed.), *Pragmatics (Syntax and Semantics)*, vol. 9, Nova York: Academic Press, 1975.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Adriana Quinelo da. Como funciona a inferência morfossemântica? In: *Inferências linguísticas nas interfaces [recurso eletrônico]* / Jorge Campos (Org.). - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ORDÓÑEZ, Salvador Gutiérrez. La subcompetencia pragmática. In: J. Lobato e I. Gargallo, (dirs.), *VADEMÉCUM para la formación de profesores, ENSEÑAR ESPAÑOL como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, pp. 533-549. 2004.

VIDAL, Maria Victoria Escandell. Aportaciones de la Pragmática. In: J. Lobato e I. Gargallo, (dirs.), *VADEMÉCUM para la formación de profesores, ENSEÑAR ESPAÑOL como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, pp. 179-194. 2004.